

# *A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva*

Jerusa Paulino da Silva\*  
Rosângela Veiga Julio Ferreira\*\*  
Jeniffer de Souza Faria\*\*\*

## **RESUMO**

Este trabalho de pesquisa tem como propósito abordar o tema da construção de identidade da criança negra, por meio de um olhar para as literaturas que perpassam o cotidiano de uma escola da rede municipal de Juiz de Fora. Tal abordagem foca-se, fundamentalmente, na possibilidade de refletir sobre a maneira como as literaturas que abraçam a cultura africana permeiam o universo das bibliotecas de sala. Nesse contexto, aborda-se o histórico da cultura afro, pensando em questões que contribuíram para que concepções sobre essa cultura fossem formadas. Analisa, também, como a adequação de um currículo voltado para a abordagem da cultura afro pode auxiliar em reflexões que permitam a desconstrução de conceitos pré-estabelecidos sobre o papel do negro na nossa sociedade. Compreende, ainda, a concepção histórica da literatura infantil, pensando em padrões estéticos eurocêntricos que se estabeleceram a partir dela, e na construção da identidade, com elevada autoestima, de uma criança que não corresponda a determinados padrões. Por meio de entrevistas realizadas com professoras do quarto ano do ensino fundamental e da análise de obras literárias encontradas nas bibliotecas de sala da instituição pública, podemos afirmar que as professoras têm a consciência da importância do trabalho com esta temática, no entanto, faz-se mister que governo e escola oportunizem momentos de formação continuada para que se possa refletir sobre possibilidades de problematizar as questões que emergem

\* Graduada em Pedagogia pelo CESJF. Pesquisadora do projeto de Treinamento Profissional Educação Geográfica e Histórica pelas imagens literárias: múltiplas linguagens (UFJF).

\*\* Mestre e Doutoranda Orientadora do projeto de Treinamento Profissional Educação Geográfica e Histórica pelas imagens literárias: múltiplas linguagens (UFJF).

\*\*\* Especialista em Psicopedagogia (Faculdade Estácio de Sá). Graduada em Pedagogia pela UFJF. Pesquisadora do projeto de Treinamento Profissional Educação Geográfica e Histórica pelas imagens literárias: múltiplas linguagens (UFJF).

do trabalho literário.

**Palavras-chave:** Escola. Currículo. Identidade. Literatura Afro.

#### ABSTRACT

This research aims to treat the subject of child identity construction by the literatures perspectives that passing by the daily of a Juiz de fora for a public school. It focuses, principally, in the possibility of reflection about the way how African literatures compound the universe of class libraries. In this context, we try to approach the historic of African culture, thinking in questions that can contribute to the formation of this culture conception. This work also analysis how the adequacy of a curriculum fixed in an African culture boarding can help to promote reflections about the pre-establish concepts unmaking by the black people play in our society. It understands yet the historic conception of the childish literature thinking in Eurocentric aesthetic patterns that were established based on it and in a identity construction with the child high auto esteem that doesn't correspond to these determined patterns. Teachers' interviews were done and we can analyze the literature works found in the school class libraries. We can affirm that these professional know about the work significance with this theme. However, is very important to the this research can go on, that the State and scholar institution institute continuous formation moments in order to all of in educational environment can reflect about possibilities in render problematic questions that emerge of the literacy work.

**Keywords:** School. Curriculum. Identity. African Literature.

#### 1 INTRODUÇÃO

"Um indivíduo ou um grupo de pessoas pode sofrer um verdadeiro dano, uma autêntica deformação, se a gente ou a sociedade que os rodeiam, lhes mostram como reflexo, uma imagem limitada, degradante, depreciada sobre ele."  
Charles Taylor

Desde muito cedo internalizamos modelos a partir de informações recebidas pelo meio. Desta troca, iniciamos o processo de construção da identidade, adaptando-nos aos padrões pré-estabelecidos em nossa sociedade, tais como estética, valores, crenças. Conforme afirma Vygotsky (1988), as características individuais, e até mesmo nossas atitudes, estão impregnadas de trocas com o coletivo, ou seja, mesmo o que tomamos por mais individual de um ser humano, foi construído a partir de sua relação com o outro.

A sociedade brasileira, no entanto, tem uma característica ímpar, pelo

fato de incorporar para si perspectivas eurocêntricas<sup>1</sup> em muitos aspectos, criando, assim, padrões inalcançáveis para grande parcela de sua população bastante miscigenada e, portanto, não corresponde a tais conceitos. O negro, frente a essa sociedade tomada por valores europeus, encontra-se, muitas vezes, desprovido de um parâmetro capaz de fazê-lo se reconhecer como parte dela. Dessa forma, a identidade negra pode se constituir numa identidade frustrada e aderir ao ideal do branqueamento da nação, negando, assim, a sua condição. (MUNANGA, 2004).

Nesse sentido, algumas questões emergem quando se pensa no papel da escola no processo de formação da identidade da criança negra: é possível promover reflexões no cotidiano escolar que problematizem esse processo de exclusão constituído historicamente? A literatura que aborda aspectos da cultura africana poderia se constituir numa dessas possibilidades de rompimento com a ideia de branqueamento que impera em nossa sociedade?

Dessa forma, o que propomos neste artigo<sup>2</sup> é a problematização de abordagens registradas em livros de literatura com vistas a auxiliar na compreensão da cultura africana sob um viés diferente do que está posto, apresentando-a como uma rica cultura que agrega uma bagagem inestimável de contribuição para a formação do Brasil.

A escolha da literatura infantil como mote investigativo decorre por acreditarmos, assim como Andrade (2001), tratar-se de uma arte que povoa a imaginação, e por isso, tem seu espaço na formação da mente plástica do ser que a ela tem acesso<sup>3</sup>. A literatura infantil traz, além do texto escrito, imagens que poderão habitar o imaginário social, sob outros focos de compreensão, dos

<sup>1</sup> Os Parâmetros Curriculares Nacionais de História apresentam ao leitor o percurso de constituição de uma história linear formada pelos heróis, como estratégia de guerra, implementado pela Alemanha, assim como os movimentos subsequentes. (BRASIL, 1997).

<sup>2</sup> Este artigo é fruto de um Trabalho de Conclusão do curso de Pedagogia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF) que, assim como outras três pesquisas de campo, apresenta-se como desdobramento do projeto "Desafios do Ato de Alfabetizar: como formar sujeitos- leitores?", financiado pelo CES/JF, orientado pela professora Mestre Rosângela Veiga Júlio Ferreira e co-orientado pela professora Especialista Jeniffer de Souza Faria. Este projeto objetivou atuar na formação inicial e continuada de professores e, numa perspectiva teórico-metodológica da pesquisa-ação, no processo de alfabetização das três turmas da escola municipal que consolidava seu campo de atuação. Foi aprovado em terceiro lugar no processo seletivo de projeto de Iniciação Científica do ano de 2009/2010, tendo obtido o prêmio de menção honrosa pela relevância social do tema.

<sup>3</sup> Em 04 de novembro de 2010, a Globo News exibiu uma entrevista, no programa "Entre Aspas", com a professora Marisa Lajolo (aposentada da Unicamp) e Francisco Cordão, membro do CNE (Conselho Nacional de Educação), para discutir o parecer do MEC que aponta para a importância de uma problematização do livro *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato. Trata-se de um tema polêmico que requer, sem dúvida, espaço nos cursos de formação de professores, entre intelectuais e na mídia.

espaços ocupados pelo negro em nossa sociedade.

Imbuídos dessa busca por espaços de diálogo para pensar se e como é possível a literatura auxiliar na compreensão de especificidades que emergem da cultura afro, optamos por realizar uma pesquisa de campo numa escola da rede pública, estruturada em três momentos. No primeiro, realizamos uma pesquisa na biblioteca de sala<sup>4</sup> de três turmas do quarto ano do ensino fundamental da Escola Municipal “Quilombo dos Palmares”. Na sequência das atividades foram catalogados os livros escolhidos pelas crianças para compor essa biblioteca, observando a assiduidade com que os títulos eram escolhidos pelos alunos. Após esse mapeamento inicial, selecionamos para análise os livros que abordavam elementos da cultura africana, procurando identificar de que maneira os autores tratavam essa temática. No terceiro momento, utilizamos uma entrevista com as professoras-referência das três turmas, Fabiana,<sup>5</sup> que atua no 4º ano Amarelo, Simone, do 4º Verde e Flávia, do 4º Azul, sendo todas graduadas em Pedagogia. Nessas entrevistas, o objetivo foi o de identificar meandros como ocorria o processo de relação das crianças com a literatura, quando se trabalhava em sala com livros que abordavam aspectos culturais africanos.

Com base nessa premissa investigativa, optamos pela pesquisa-ação que apresenta cunho qualitativo de análise dos dados, com vistas a interagir com o espaço investigado de forma reflexiva. Segundo Minayo (1994), a pesquisa de cunho qualitativo se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos fenômenos que não podem ser reproduzidos à operacionalização de variáveis.

Indo do estudo sobre a concepção de currículo com o qual compreendemos a inserção de conteúdos reflexivos, passando pelas experiências que emergiram do campo por meio das colocações das professoras e mergulhando nos livros de literatura, tecemos as linhas que ora constituem este texto. Nesse caminho, o que ficou foram indícios de um percurso ainda em construção: o da literatura como possibilidade problematizadora de questões que emergem do ensino de História com vistas a romper com lugares canônicos que concebem alguns indivíduos, como nos

<sup>4</sup> A biblioteca de sala trata-se de uma proposta do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE-Escola) que, baseado nos baixos resultados do IDEB dessa instituição de ensino, enviou recursos públicos para auxiliar na diminuição dos índices de repetência. Uma das ações previstas para o projeto de intervenção foi a organização de uma biblioteca em cada sala.

<sup>5</sup> Optou-se por nome fictício com o intuito de preservar a identidade das professoras entrevistadas.

disse Charles Taylor, de forma depreciada e limitada.

## **2 “ÁFRICA MEU PEQUENO CHAKA”<sup>6</sup>: CULTURA AFRICANA X CURRÍCULOS ESCOLARES**

A noção de cultura, compreendida em seu sentido vasto, remete aos modos de vida e de pensamento (CUCHE, 2002). A cultura é a representação de um povo e, a partir dela, conseguimos identificar suas especificidades, tais como crenças, valores, costumes, etc. Sobre cultura, Cuche destaca que

O homem é essencialmente um ser de cultura. O longo processo de hominização, começado a mais ou menos quinze milhões de anos, constitui fundamentalmente na passagem de uma adaptação genética ao meio ambiente natural a uma adaptação cultural. [...] a cultura permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também adaptar este meio ao próprio homem, as suas necessidades e seus projetos (CUCHE, 2002, p. 9-10)

Nesse contexto, é possível analisarmos a cultura africana como aquela que, apesar de todas as deturpações, injustiças e sofrimentos passados, conseguiu se adaptar ao meio escravizador, inclusive no Brasil. Como prova disso, temos a terminologia cultura afro-brasileira que significa a fusão da africana com a brasileira. Aquela que está presente no modo de vida da população brasileira seja ela de qualquer grupo étnico e, ao mesmo tempo em que transforma, é transformada pelo espaço geográfico que a abarca.

As teorias de que o negro é inferior ao branco devido à massa encefálica, que pesa menos, e do aparelho mastigatório que possui caracteres animais, até as faculdades de abstração, que nele é tão pobre e tão fraca, todas elas foram derrubadas cientificamente. Trata-se de uma visão que condena o negro por sua própria morfologia e fisiologia a jamais poder ser digno dos mesmos direitos e privilégios do branco. (GONÇALVES, 2007). Com essa mudança de concepção, é possível perceber, atualmente, que toda luta pela sobrevivência resultou em vitória e, por isso, aspectos culturais de herança africana não são raros de se encontrar no Brasil; ao contrário, nos quatro cantos de nosso país, encontramos contribuições deixadas pelos africanos. Dessa concepção resulta a inclusão obrigatória de estudos sobre a cultura afro nos currículos escolares, problematizando as abordagens veiculadas nos livros didáticos e nos de literatura, sendo o currículo aqui entendido como dimensão que envolve o ato sublime de educar, ou seja, movimentos que acontecem dentro de uma instituição escolar, possibilitando

<sup>6</sup> Livro presente em uma das bibliotecas de sala.

a consolidação de conhecimentos.

Munidos dessa concepção, pode-se pensar a importância de um currículo que dialogue com as africanidades dentro das escolas. Seria importante, de acordo com Meyer (2003), e interessante, tentar olhar para dentro da escola e do currículo e ver quais histórias estão sendo produzidas. Depois de percebidas, analisar reflexivamente se elas constroem os sentidos de pertencimento ou exclusão, se acentuam ou atenuam as fronteiras raciais e étnicas entre os diferentes grupos sociais que ali interagem e estão representados. A nosso ver, uma forma de problematizar lugares canônicos da historiografia seria por meio do acesso a diversos gêneros textuais, como os artístico-literários, por exemplo.

O estudo dos gêneros no currículo, não só de ensino da Língua Portuguesa como também no de História e de outras áreas, pode possibilitar a exploração de algumas regularidades nas esferas sociais em que eles são utilizados. Os gêneros constituem ações de linguagem que requerem do agente produtor uma série de decisões para cuja execução ele necessita ter uma visão ampliada da realidade; a primeira das decisões é a escolha que deve ser feita, a partir do rol de gêneros existentes, ou seja, ele escolherá aquele que lhe parece adequado ao contexto e à intenção comunicativa; e a segunda é a aplicação que poderá acrescentar algo à forma destacada ou recriá-la. (BRONCKART, 1994).

Nesse sentido, a escolha pelo gênero literatura infantil<sup>7</sup> decorre frente ao expressivo papel no processo de aquisição de leitura e escrita das crianças, pois o ato de ler e ouvir histórias possibilita à criança expandir seu campo de conhecimento, tanto na língua escrita, quanto na oralidade.

Nos anos iniciais, a criança está na fase dos sonhos e adora ouvir histórias que envolvam um mundo imaginário, pois assim pode fazer suposições de um mundo real. Na verdade, elas ensaiam, no mundo imaginário, situações que podem vir a ser vivenciadas na vida real. Sobre essa afirmativa, Bordini e Aguiar pontuam que

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero

<sup>7</sup> Alguns contos originados da tradição popular são conhecidos até hoje, como, por exemplo, "As aventuras de João e Maria", "A Bela Adormecida", "Cinderela", "Chapeuzinho Vermelho" dentre outros. Eles eram contados por adultos, até que homens como Charles Perrault (1628-1703) na França, Jacob (1785-1863) Wilhelm (1786-1859) Grimm, na Alemanha, transcreveram-nas e publicaram, visando ao público infantil. "Daí para frente, foram muito difundidas e se transformaram em sinônimos de literatura infantil". (ZILBERMAN, 2005, p. 13).

reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada. (BORDINI e AGUIAR, 1993, p. 14)

Então, o trabalho com a literatura infantil, a nosso ver, possui papel formador na personalidade da criança, pois tem o objetivo de constituir cidadãos críticos e reflexivos, que possam transformar a realidade em que vivem.

Além disso, a literatura infantil enfoca as relações sociais no sentido de que conscientiza sobre a existência do eu e do outro, sendo, portanto, indispensável. E a escola é, por sua vez, espaço privilegiado em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo.

A partir desta concepção de tamanha importância sobre a literatura para as crianças, personalidades em formação, é que se compreende a literatura infantil como base dos currículos das séries iniciais do ensino fundamental. De acordo com Zilberman

[...] a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura, assim como um campo importante para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. Por isso, o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança. (ZILBERMAN, 2003, p.16)

Dessa maneira, a literatura infantil deveria estar presente na vida das crianças, como está o leite para sua nutrição. Ambos contribuem, respectivamente, para o desenvolvimento psicológico nas suas dimensões afetivas e intelectuais e para o desenvolvimento biológico (OLIVEIRA, 1996).

Aliar a abrangência da literatura infantil às crianças que estão abertas à aprendizagem pode possibilitar a mudança de toda uma concepção de sociedade, paradigmas podem vir a ser quebrados e uma sociedade igualitária criada? Uma utopia? Talvez.

### **3 CONTOS DA ÁFRICA: O QUE NOS DISSERAM OS ALUNOS DA QUILOMBO?**

“Sempre que uma atividade intelectual se manifesta por intermédio da palavra, cai, desde logo, no domínio da Literatura [...]. Os iletrados possuem a sua Literatura. Os povos primitivos, ou quaisquer agrupamentos humanos alheios ainda às disciplinas de ler e escrever, nem por isso deixam de compor seus cânticos, suas lendas, suas histórias”

Cecília Meireles

Imbuídos da concepção de Literatura pontuada pela poetisa Cecília Meireles de que muito da história pode ser compreendido por meio da arte que abriga a palavra literária, podemos afirmar que os profissionais que constituem o espaço da escola investigada vêm se abrindo para a riqueza que abarca o trabalho com gêneros literários. Conforme sinalizamos anteriormente, os alunos foram incluídos no processo de escolha dos livros de literatura que compuseram as bibliotecas de sala e o que percebemos pelo mapeamento é de uma diversidade de gêneros, e o unânime interesse nos contos de fadas entre todas as turmas investigadas, fato que a princípio conduziu a pesquisa para a compreensão dos significados para tal escolha. De acordo com Khêde (1990, p.16), “os contos de fadas atualizam ou reinterpretam, em suas variantes, questões universais como os conflitos do poder e a formação dos valores, misturando fantasia e realidade no clima do Era uma vez”. Na mesma perspectiva, a autora acentua a presença da fala unívoca do narrador nos contos de fadas sugerindo um modelo fechado de narrativa que, por sua vez, reproduz uma realidade sócio-cultural, também, fechada. Mas eles apresentam o confronto entre, geralmente, duas posições: a dos dominantes e a dos dominados. (KHÊDE, 1990).

Com base nessa reflexão teórica, apontamos que os contos de fada, geralmente, contribuem para o surgimento de estereótipos nos quais a bruxa será sempre uma personagem do mal, a fada sempre bondosa, os príncipes serão aventureiros, muitas vezes loiros e com olhos azuis, as princesas serão caracterizadas como lindas, honestas, piedosas e brancas. Alguns dos livros das bibliotecas de sala podem ser considerados contos de fada, mas rompem com a perspectiva de europeização das personagens, uma vez que trazem à superfície especificidades de culturas outras, inclusive a dos povos do continente africano<sup>8</sup>.

Na análise feita nas bibliotecas de sala com o intuito de selecionar os livros cujos títulos e ilustrações fizessem referência ao negro, foram

<sup>8</sup> O continente africano é composto por cinquenta e quatro países independentes, sendo quarenta e oito continentais (dentre eles África do Sul, Angola, Argélia, Egito, Etiópia, Moçambique, Nigéria, Quênia, Sudão e Tunísia) seis insulares (Ilha de Madagascar, Ilha de Cabo Verde, Ilhas de Comores, Ilhas Maurício, Ilhas São Tomé e Príncipe e Ilhas Seychelles). Os povos africanos não apresentam homogeneização na língua falada e escrita, uma vez que mais de mil dialetos atravessam os diferentes espaços. No entanto, essas diferentes línguas se concentram em seis grupos, a saber: línguas afro-asiáticas, khoisan, nígero-congolesas, nilo-saarianas, austronésica e indo-europeia. Cabe ressaltar que a maioria dos países africanos adotou como, pelo menos uma das suas línguas oficiais, uma língua europeia relacionada a suas respectivas ex-colônias. É possível notar que a diversidade da língua falada na África decorre frente a uma expressiva ruptura com o local por meio da colonização, conforme citado anteriormente, acarretou em forte influência, ampliando a diversidade cultural que já existia neste país devido a grande extensão territorial. (Fonte: pt.wikipedia.org)



selecionados cinco livros, a saber: **Ulolomma**: a casa da beleza e outros contos; **Histórias africanas para contar e recontar**; **Berimbau mandou te chamar**; **Seis pequenos contos africanos** e **África meu pequeno chaka**.



A obra **Ulolomma** constitui-se de uma coletânea com histórias cheias de ensinamentos e sabedorias de uma tribo chamada Igdo, possibilitando a percepção de que existem diferenças nas narrativas que remetem a aspectos culturais de povoados africanos. Nesta mesma linha, **Historias africanas para contar e recontar** contém contos que permitem ao leitor conhecer um pouco dos costumes africanos, pois resgata uma das tradições da cultura africana que são as histórias passadas do mais velho para o mais novo. O livro **Berimbau mandou te chamar** é um álbum ilustrado que pode estimular a criança que está sendo alfabetizada, pois contém vários versos de cantigas de capoeira e, ainda, conta a história do surgimento da luta afro-brasileira. Em **Seis pequenos contos africanos** são ilustrados seis contos que relatam as sabedorias que o Brasil herdou da África; essa literatura possibilita trabalhar com os alunos contribuições, como por exemplo, os segredos da religião. Por fim, o livro **A África, meu pequeno Chaka** retrata a tradição africana de contar histórias, entrelaçando memória pessoal e coletiva. Contém delicadas ilustrações que transmitem um olhar não estereotipado, chegando a passar a sensação de encantamento. Todos enaltecem, de forma muito positiva, a imagem do negro, valorizando sua cultura e suas tradições.

A partir da descrição dos conteúdos que abarcam os livros que compõem a biblioteca de sala, pudemos perceber que a cultura afro é tratada com respeito às diferenças, enfatizando aspectos que valorizam o percurso histórico de constituição da memória. Nesse ínterim, destacamos, sobretudo, a concepção de educação nas ações das professoras que possibilitaram não só a imersão dos livros em questão, a partir do ponto de vista das crianças, como também por trabalharem com eles na roda de leitura. Entendemos que quando essas professoras se abriram para o pensamento das crianças, possibilitando que escolhessem os livros, movimentos significativos para pensar a cultura afro se constituíram como rica fonte de aprendizagem e problematização.

Os depoimentos dados pelas professoras durante a entrevista retratam uma realidade que atravessa o cotidiano das escolas há séculos: o da baixa autoestima dos negros nos espaços escolares. Ao ser perguntada sobre a existência de alguma reação das crianças quando se trabalha com os livros que tenham personagens negros, a professora Fabiana, do 4º ano Amarelo, disse " *eu sinto, em algumas crianças, que quando a gente lê um livro como Bonequinha Preta ou Menina Bonita do Laço de Fita, que eu gosto muito, e peço para ilustrar, poucos retratam fielmente a cor da pele; a maioria coloca rosinha*". Outra constatação, por meio da observação da professora Simone, do 4º ano verde, reafirma a depreciação da própria identidade, dentre tantos outros atos e falas recorrentes dos alunos que reprimem sua identidade. Ela relata que " *muitos não aceitam serem chamados de negros, se sentem ofendidos*".

De acordo com Lima (2000), as crianças negras acabam depreciando sua identidade em formação quando são inseridas em espaços que categorizam a diferença. A história da escravidão real e trágica teve nos seus agentes homens, mulheres e crianças que lidaram, na condição de escravizados, não só com a luta contra a sujeição, mas com a recuperação da condição humana. O ponto nevrálgico está em esta ser, quase sempre, a única imagem apresentada para se reconhecerem. A restrição impede as demais escalas de identificação, uma vez que nega as diferentes identidades.

É papel da escola "positivar o lado negro de cada criança, positivar o passado escravo, através das histórias de resistências ou de simples amostras de ilustrações de personagens negros". (LIMA, 2000, p.121). Em outras palavras, é necessário que a escola coloque em diálogo e problematize questões que emergem de uma prática curricular excludente, tal qual se preconiza na lei 10.639/03, a responsável por difundir a literatura africana nas escolas, por instituir um lugar no currículo das escolas para tratar da História da África, do movimento migratório, das especificidades culturais do continente dentre outros aspectos. Nesse sentido, destacamos a colocação da professora Flávia, do 4º Azul, que nos diz que além dos livros que estão na biblioteca de sala com os quais realiza atividades semanais pautadas na oralidade por meio de contação de histórias, tem " *a preocupação de escolher livros que abordem a cultura negra, sempre que um conteúdo suscita essa possibilidade. Na copa do mundo, trabalhei um livro de uma personagem negra que visitava os continentes e as crianças se animaram bastante*".

Segundo Cavalleiro (2001), práticas como a da professora Flávia estimulam a busca de mais materiais alternativos que auxiliem a explicitação e a reflexão sobre a questão racial. Assim, a menina negra visitando os

diversos continentes apresenta ao aluno uma variedade dos grupos raciais, promovendo uma educação antirracista, que prevê, necessariamente, um cotidiano escolar que respeite, não apenas em discurso, mas também em prática, as diferenças raciais.

### **3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

A pesquisa nos permitiu constatar que, longe de apontar respostas para as situações-problemas, a baixa autoestima da criança negra na escola advém da interiorização do que está posto na sociedade, ou seja, os modelos inalcançáveis para a grande parcela da população que são, muitas vezes, reproduzidos nos livros infantis.

No entanto, ressaltamos que a imersão no campo nos possibilitou refletir sobre o fato de que quando se dá espaço e autonomia para as crianças participarem dos acontecimentos da escola, olhares outros podem ser evidenciados e pensados coletivamente. Flávia, Simone, Fabiana, seus alunos e os livros que habitam a geografia das salas de aula nos disseram muito sobre a cultura afro. Disseram-nos que é possível pensar na dimensão do cuidado aliada à cognitiva para se compreender meandros de constituição de uma cultura outra. Ainda que em germe, tal movimento aponta para a possibilidade de colocar em diálogo, por meio da literatura, o outro que difere de mim e a partir do qual me reconheço.

À guisa de conclusão, enfatizamos o momento em que vivemos como sendo o de batalhar pela igualdade, por meio da educação. Afinal, todas as formas de luta que vivenciamos são importantes e louváveis, mas o próximo passo a ser dado trata-se do investimento na qualidade da formação dos educadores, a fim de formar multiplicadores, pois eles são os agentes diretos nas escolas que lidam com as identidades em formação, sendo assim faz-se pertinente subsidiá-los em seu trabalho com a lei 10.639/03.

**Artigo recebido em: 17/02/2011**  
**Aceito para publicação: 27/05/2011**

## REFERÊNCIAS

AFRICA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81frica>>. Acesso em: 25 fev. 2011.

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a auto-estima da criança negra. In: MUNANGA, Kabengele (org.) **Superando o racismo na escola**. 3. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001 p. 111-118.

BORDINI, Maria da Glória, e AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor, alternativas metodológicas**. 2. ed. São Paulo: Mercado Aberto. 1993.

BRASIL.(Ministério da Educação e do desporto). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRONCKART. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio discursivo**. São Paulo: Educ, 1994.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CAVALLEIRO, Eliane.(org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo negro, 2001.

GONÇALVES, Vanda Lúcia Sá. **Tia, Qual é meu desempenho?** Percepções de professores sobre o desempenho escolar de alunos negros. Cuiabá: Edufmt, 2007.

KHÉDE, Sonia Salomão. Os personagens dos contos tradicionais. In: **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática, 1990.

LIMA, Heloísa Pires. Personagens negros. Um breve perfil na literatura infanto-juvenil. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando Racismo na escola**. Brasília: MEC, 2000.

MEYER, D. Escola, currículo e diferença: implicações para a docência. In: Org. BARBOSA, R. L. **Formação de Educadores: Desafios e perspectivas**.

*A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva*

São Paulo: UNESP, 2003.

MINAYO, Márcia Cecília de Souza (org). **Pesquisa social**: teoria, método, criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura prazer**: interação participativa da criança com a Literatura Infantil na escola. São Paulo: Paulinas, 1996.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

\_\_\_\_\_. **Como e porque ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

